

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO

RELATÓRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**OS BATALHADORES COMO OBJETO DA FILOSOFIA SOCIAL:
CARACTERIZAÇÃO E FORMAS DE SOFRIMENTO**

Processo nº 2024/09844-1

Relatório de iniciação científica submetido à
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado
de São Paulo - FAPESP

Bolsista: Sofia Grandini

Orientador: Hélio Alexandre da Silva

Período de vigência: 01/09/2024 à 31/12/2025

FRANCA

2025

APRESENTAÇÃO

O presente Relatório de Iniciação Científica busca apresentar os resultados obtidos durante o desenvolvimento da pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), elaborada durante o período de 01 de setembro de 2024 à 31 de dezembro de 2025. Em um primeiro momento, retoma-se a proposta inicial do projeto de pesquisa, seus objetivos, as tarefas e atividades que foram realizadas durante a vigência da bolsa. Em seguida, visa-se a apresentação do tema, primeiramente caracterizando os batalhadores brasileiros, conforme entendido por Jessé Souza, e apontando a relação destes indivíduos com a pobreza e o sofrimento social, para, por fim, expor os resultados obtidos ao longo do desenvolvimento do trabalho.

1- RESUMO DO PROJETO INICIAL:

O projeto de pesquisa do qual o presente relatório se desenvolveu (nº 2024/09844-1) objetiva contemplar os tópicos do eixo dois (2) da Bolsa como Item Orçamentário (BCO) referente ao tema “Crítica da pobreza como objeto da filosofia social”. Visa-se promover uma reflexão nos trabalhos de Jessé Souza, com especial atenção voltada para *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora* (2012). Nesse sentido, o objetivo principal da pesquisa é, por meio do trabalho citado, responder a questão central do eixo que é a seguinte: *Quais os níveis de falta de acesso ao que foi socialmente produzido e quais as principais formas de sofrimento social podem ser encontrados a partir da caracterização do conceito de batalhadores?*

Como apresentado por Jessé Souza, os batalhadores surgem a partir do início dos anos 2000 como um produto das transformações recentes do capitalismo mundial, e situa-se entre a ralé e as classes dominantes (classes médias e altas), sendo considerada uma “elite da ralé”. Embora esses indivíduos estejam privados de capitais culturais e econômicos que são comuns nas classes mais altas da sociedade, eles os possuem em abundância quando comparado a ralé. A partir dessa classificação, vê-se como relevante entender as nuances e especificidades dessa classe, enquanto se analisa para os tipos de sofrimentos enfrentados por elas, tendo enfoque no sofrimento social.

A partir desse objetivo, o trabalho se divide em três principais momentos: (1) análise da obra *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora*, classificando essa classe social; e (2) exposição sobre o sofrimento social, conforme trazido principalmente por Emmanuel Renault em sua obra *Social suffering: sociology, psychology, politics*; e, por fim, (3) na conclusão da pesquisa com um enfoque em responder a questão orientadora do plano de trabalho.

2- REALIZAÇÕES NO PERÍODO REFERENTE AO RELATÓRIO

No período referente à realização do relatório de pesquisa, foram realizadas buscas intensivas de materiais que possibilitaram um aprofundamento teórico nos tópicos presentes, com enfoque na caracterização dos batalhadores e do sofrimento social, para enriquecimento do que já estava exposto nas obras de Jessé Souza (*Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora*) e Emmanuel Renault (*Social suffering: sociology, psychology, politics*). A metodologia trabalhada foi a análise estrutural (Goldschmidt, 1963; Guérault, 2007) e crítica (Adorno, 1986) do material especializado disponível e listado nas referências bibliográficas. O presente relatório reúne uma síntese dos objetivos do projeto inicial, sendo eles:

Objetivo geral: Reunir elementos capazes de responder a pergunta que orienta esse plano de atividades, a saber: *Quais os níveis de falta de acesso ao que foi socialmente produzido e quais as principais formas de sofrimento social podem ser encontrados a partir da caracterização do conceito de batalhadores?*

Objetivos específicos:

a) Analisar a obra *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora* com especial atenção para: “Introdução: Uma nova classe trabalhadora brasileira?”; Cap. 1 - “A formalidade precária: os batalhadores do telemarketing”; Cap. 2 “O batalhador feirante e sua administração”; Cap. 3 - “Batalhadores empreendedores rurais: unidade familiar, unidade produtiva”; Cap. 4 - “O batalhador e sua família”; Cap. 5 - “Batalhadores feirantes: o ver-o-peso de Belém e a Feira de Caruaru”; Cap. 6 - “Batalhadores e racismo”.

b) Analisar as seções: “Les obstacles à l’analyse de la souffrance sociale”; “Qu’entendre par souffrance sociale?” e “Souffrance et pauvreté” da obra *Souffrances sociales: philosophie, psychologie et politique*.

c) Responder a questão que orienta esse plano de trabalho: *Quais os níveis de falta de acesso ao que foi socialmente produzido e quais as principais formas de sofrimento social podem ser encontrados a partir da caracterização do conceito de batalhadores?*.

2.1 Atividades Curriculares de Graduação

Durante o período de desenvolvimento da pesquisa, a bolsista, como aluna matriculada do curso de Graduação em Relações Internacionais na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), realizou, respectivamente, as seguintes disciplinas: Métodos Quantitativos em Relações Internacionais, História da América, Sociologia das Relações Internacionais, Economia Brasileira e Política Externa Brasileira no sexto semestre da graduação (referente ao segundo semestre de 2024); Disciplina Paulista de Acessibilidade e Inclusão, Laboratório de Relações Internacionais, Antropologia Cultural e Estudos Estratégicos no sétimo semestre da graduação (referente ao primeiro semestre de 2025); e Ações Humanitárias Internacionais e Direitos Humanos, Integração Regional da América Latina, Segurança Internacional e Resolução de Conflitos e Relações Comerciais Internacionais no oitavo semestre da graduação (referente ao segundo semestre de 2025). A previsão para a conclusão do curso é dezembro de 2026.

2.2 Atividades de Supervisão com o orientador

Durante o período da pesquisa, as atividades realizadas pela bolsista foram amparadas e acompanhadas pelo orientador através de encontros tanto presenciais quanto virtuais a fim de discutir o desenvolvimento do trabalho e questões relacionadas à metodologia, seleção de material bibliográfico, à elaboração do relatório, assim como eventuais dúvidas.

2.3 Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE)

No período de 24/04/2025 a 25/08/2025, a bolsista foi contemplada com uma Bolsa de Estágio e Pesquisa no Exterior (BEPE). Realizada na Universidade Nacional de Seoul, na Coreia do Sul, a bolsa permitiu a execução de uma pesquisa orientada pela Professora Hyunji Kwon, cujo principal objetivo era realizar uma comparação entre os batalhadores brasileiros e os *non standard workers* sul coreanos, intitulada “Teoria social como teoria de classes: uma análise sobre os ‘batalhadores’ brasileiros e os ‘non-standard workers’ sul coreanos”, o que permitiu um aprofundamento no tema tanto de classes sociais quanto referente ao sofrimento e seu reflexo na sociedade.

O relatório referente à pesquisa de estágio será anexado, contendo também as atividades que foram desenvolvidas durante sua vigência. A partir dessas experiências, a

estudante obteve uma ampliação de bibliografia e elucidação dos conceitos trabalhados, por meio de debates e discussões com a professora orientadora e outros estudantes no grupo de estudos.

3- Participação em evento científico

- A. Participação na **XXI Semana de Relações Internacionais da Unesp - Os mais de 100 anos de Relações Internacionais, o que mudou?** nas seguintes categorias:
 - a. Ouvinte no minicurso: Desmistificando a Palestina
 - b. Ouvinte no minicurso: Por que as mulheres não vão a guerra?: Uma análise do feminino na resolução de conflitos
 - c. Ouvinte no GT: Raças e anti racismo nas Relações Internacionais
 - d. Ouvinte na conferência temática: subalternidade, saúde e (in)segurança alimentar
- B. Participação como ouvinte no evento **O papel da pesquisa internacional no sul global.**
- C. Apresentação de trabalho intitulado “Os batalhadores como objeto da filosofia social: caracterização e formas de sofrimento” na **1ª Fase do XXXVII Congresso de Iniciação Científica da Unesp - FCHS/Franca.**
- D. Participação da **XXII Semana de Relações Internacionais da Unesp - As Relações Internacionais sob Disputa: Passado e Presente anticoloniais e anti-imperialista** nas seguintes categorias:
 - a. Ouvinte na palestra: Imperialismo na Ásia Ocidental
 - b. Ouvinte na palestra: COP30 e Crise Climática
 - c. Ouvinte na palestra: América Latina e a Crise de Hegemonia
 - d. Ouvinte no minicurso: As Relações Internacionais da África: Da Guerra Fria à atualidade

4- Desenvolvimento da Pesquisa

INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, com a globalização e o fenômeno do capitalismo neoliberal se espalhando intensamente pelas diversas sociedades do mundo, as novas dinâmicas de classe exigem estudos que tornem possível classificar as relações das estratificações sociais com sua posição tanto nesse espaço social quanto no mercado de trabalho. Nesse sentido, surgem estudos como o de Jessé Souza que visa entender as separações dessa sociedade. Em *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* (2010), o autor justifica que as classes sociais não devem ser determinadas pelas suas rendas, como acreditam os liberais, e tampouco deveriam ser entendida por meio do seu lugar na produção, “mas sim por uma visão de mundo “prática” que se mostra em todos os comportamentos e atitudes” (Souza, 2012, p. 45).

Souza inicia sua análise apresentando aquelas que ele entende serem as três principais divisões de classe: classes baixa, média e alta. As classes dominantes, entendidas popularmente como classes média e alta, são definidas pelo acesso que ambas têm aos capitais que formam seus ideais de segurança financeira, social e familiar – capital econômico e cultural. Esses capitais permitem que tais classes tenham “acesso privilegiado a literalmente todos os bens (materiais ou ideais) ou recursos escassos em uma sociedade de tipo capitalista moderna” (Souza, 2012, p. 48).

Seguindo nessa classificação, a classe mais baixa seria o que Jessé Souza considera como a “ralé”, uma classe desprovida tanto de capital econômico – renda, seja aquela adquirida mensalmente ou por heranças, marcada ainda por um lugar seguro no mercado de trabalho que não existe para outras classes –, como também do capital cultural, adquirido pela educação formal ou pelos ensinamentos familiares, e que se trata, principalmente, de um conjunto de aprendizados referentes ao comportamento, ideais, modo de pensar e viver. A ralé é “a classe vítima por excelência do abandono social e político com que a sociedade brasileira tratou secularmente seus membros mais frágeis” (Souza, 2012, p. 50), ou seja, Jessé Souza entende-a como resultado do que o sistema capitalista propôs para a sociedade.

Contudo, com as mudanças sociais do início dos anos 2000, percebe-se o surgimento e a necessidade de identificar uma nova classe na sociedade brasileira: os batalhadores. Essa está localizada entre as classes média e a ralé, podendo ser oriundos da “ralé” – ou seja, tendo familiares nesse grupo –, mas conseguindo uma relativa ascensão social, por meio da lógica do trabalho duro e do sacrifício, a qual os permite ter um maior poder de compra,

colocando-os como parte da dinâmica de produção e consumo de bens materiais e serviços, que antes eram apenas privilégios das classes dominantes. Para essa nova classe social, o trabalho não é aprendido a partir do estudo, como seu prolongamento (Souza, 2012, p. 51), assim como seria para as classes mais altas que, primeiramente, estudam e se inserem no ensino superior, para depois, com o capital cultural e o conhecimento adquirido nesse ambiente, se inserirem no mercado de trabalho, mas sim através de ideais intergeracionais de batalhadores, adquiridas pela necessidade de se inserir no mercado, em nome da própria sobrevivência.

Assim, para o autor, os batalhadores, por meio do trabalho disciplinado e regular, se encontram em uma posição social na qual eles conseguem desenvolver uma narrativa onde sua trajetória e seu trabalho duro os permitiram um sucesso considerável e relativo na sua trajetória de vida e nas suas conquistas econômicas e sociais, sendo reconhecido por si mesmo e pelas outras classes como um membro útil para a sociedade. A combinação de sorte e esforço dessa nova classe permite não apenas o seu surgimento mas também uma necessidade de classificar e entender as dinâmicas existentes nela e como ela molda uma nova realidade e dinâmica social na era do capitalismo neoliberal.

DISCUSSÃO

Mediante o desenvolvimento do capitalismo contemporâneo e a mudança na composição da sociedade, a nova classe dos batalhadores surge e se torna uma fração extremamente relevante da sociedade para compor o mercado de trabalho e movimentar a economia. Esse grupo social, de acordo com Souza em *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* (2010), teria surgido como uma “nova classe média” e estaria localizada entre a ralé – classe mais baixa da sociedade – e a classe média propriamente dita. Tal classe estaria em um crescimento constante e “movimenta todo dia a realidade de um país desigual, na distribuição de renda e no olhar pautado em uma agenda política de equidade e equilíbrio gerencial” (Silva, 2015, p. 190).

Com a expansão do mercado neoliberal, as relações de trabalho se transformaram para visar mais lucro e satisfazer os grandes produtores capitalistas, o que cria uma nova dinâmica a qual afeta consideravelmente a compreensão do trabalho, culminando na inserção da lógica de “esforço” e “trabalho duro” para melhorar sua condição de vida. É nesse cenário que Jessé Souza (2012) insere o debate sobre os batalhadores. De acordo com o autor, essa nova classe aparece quando pode-se observar o aumento considerável de indivíduos que

vivem na pobreza, porém não em graus tão extremos quanto ralé. Apesar de serem privados, em diferentes proporções, dos capitais econômicos e culturais presentes na classe média, eles, diferentemente da classe mais inferior do estrato social, possuem uma família mais estruturada, são tratados com mais respeito pelos pais, e, principalmente, passam entre gerações o princípio fundamental que constroi essa classe: a ideia do trabalho duro e da disciplina – ideal esse que é responsável por sua ascensão no mercado de trabalho e na sociedade (Souza, 2012, p. 50).

A classe dos batalhadores tende, então, a adquirir um capital econômico maior do que a ralé, mas ainda muito menor do que o das classes média e alta. Por meio desse ideal do trabalho duro, os indivíduos que a ela pertencem tendem a fazer sacrifícios para obter uma renda considerável que lhes dê o mínimo de conforto, tal renda colaborará com a geração seguinte, dando a ela oportunidades melhores. É, contudo, importante ressaltar que, apesar dessa lógica de trabalho duro, o livro *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora* (2012) constantemente reforça o fenômeno da sorte nesse processo de sucesso no mercado dos batalhadores.

Essa reflexão vem a título da história dos batalhadores. Saem do mesmo meio dos outros, que compõem a ralé brasileira de Jessé Souza. Enfrentam a mesma carência de oportunidades econômicas e educativas. Muitos são filhos das mesmas famílias desestruturadas que predominam na massa pobre do país. Por alguma combinação de vontade individual, de graça dada por outra pessoa – uma mãe, um amigo ou até um estranho –, e até de sorte, reagiram. Foram à luta. (Unger, 2012, p.15)

Entretanto, o autor também aponta que, atualmente, classificar as classes apenas pelo fator econômico – ato frequente do liberalismo economicista – se torna um problema, visto que há diversos fatores morais, princípios e hábitos do cotidiano que são extremamente relevantes para que se possa classificar os indivíduos como pertencentes a um estrato ou outro, logo a fração denominada “batalhadores” possui especificidades além de um simples aumento de renda. Assim como nas classes dominantes, nas quais os filhos não poderão manter o *status* dos pais se não honrarem os valores imateriais a eles transmitidos, entre batalhadores, a manutenção da classe se sustenta em pensamentos fundamentais que são ensinados para as novas gerações. Um dos exemplos que pode ser notado no estudo dessa classe é que, diferentemente das demais, a nova classe trabalhadora tende a ser “comunitária”, valorizando amigos e parentes, abandonando a chance de se mudar para um lugar melhor na cidade. Esse tipo de ideal é passado entre gerações e permite que essa parcela da sociedade

viva em condições únicas quando comparada a outras classes, o que é responsável por dar singularidade a esses indivíduos.

O economicismo liberal, assim como o marxismo tradicional, percebe a realidade das classes sociais apenas “economicamente”, no primeiro caso como produto da “renda” diferencial dos indivíduos e, no segundo caso, como “lugar na produção”. Isso equivale a esconder todos os fatores e condições sociais, emocionais e culturais que constituem a renda diferencial, confundindo, ao fim e ao cabo, causa e efeito. Esconder os fatores não econômicos da desigualdade é, de fato, tornar invisível as duas questões que permitem efetivamente “compreender” o fenômeno da desigualdade social: sua gênese e sua reprodução (Souza, 2012, p. 22-23).

Ademais, a obra traz como uma das características mais marcantes e fundamentais dos batalhadores o esforço, a força de resistir ao cansaço, dedicar ao trabalho, aprender técnicas e levá-las para outras esferas da vida e outros empregos, a resistência tanto à rotina exaustiva quanto ao consumo compulsivo e imediato que resulta em gastar o dinheiro advindo de muito trabalho. Tal conjunto de disposições o autor chama de “capital familiar”, ou seja, valores passados por membros da família para os batalhadores e que também serão passados adiante por eles.

Esse capital familiar é entendido como o fenômeno crucial para manutenção da classe e possível ascensão dos indivíduos. Jessé (2012) argumenta que “o que parece estar em jogo na ascensão social dessa classe é a transmissão de exemplos e valores do trabalho duro e continuado, mesmo em condições muito adversas” (Souza, 2012, p. 50). É nesse sentido que o autor traz a principal diferença entre a ralé e os batalhadores a tona, de modo a pontuar que: enquanto a ralé tem uma família típica “monoparental, com mudança frequente do membro masculino, enfrenta problemas graves de alcoolismo” (Souza, 2012, p. 50), os batalhadores já possuem uma família estruturada, com “incorporação dos papéis tradicionais de pais e filhos bem desenvolvidos e atualizados” (Souza, 2012, p. 50), sendo esse o principal fenômeno que contribui para a capacidade dessa nova classe de se manter.

O passado árduo dos batalhadores e suas disposições

Um dos pontos em comum entre diversos batalhadores é o passado difícil. A história de grande parte dos batalhadores segue uma linha temporal parecida: muitos saem do campo que, apesar de proporcionar uma vida mais “tranquila”, não dá a estabilidade da vida na cidade, indo para o ambiente urbano em busca de uma visão de futuro e melhoria não só da própria vida, como das chances dos filhos de estudar e fazer um ensino superior – ponto

entendido como uma característica crucial para uma melhor condição de vida e de oportunidades de trabalho que não sejam tão exaustivas.

Quando esses indivíduos agarram uma oportunidade, que muitas vezes aparece por sorte, a qual pode mudar sua vida e os colocarem nessa posição de melhora econômica, eles mostram um conjunto de disposições que projeta o “batalhador para uma outra situação de vida vista, por ele, como melhor, tanto para ele próprio quanto para seus familiares” (Souza, 2012, p. 96). A dureza da vida se torna o primeiro gatilho para que este se esforce para mudar, usando toda a sua capacidade para realizá-la e, ao conseguir essa mudança (se conseguir), essas novas disposições adquiridas são passadas para a família – com enfoque nos filhos – como uma forma de capital familiar.

Jessé Souza aponta em seu texto como as disposições presentes na forma de trabalho moderno, ou seja, as referentes a disciplina, autocontrole e comportamento e pensamento prospectivo, não são inatas como acreditam ser e que, especialmente no caso desses batalhadores, é necessário que elas sejam aprendidas. Esse diferencial na capacidade de aprendizado é um ponto crucial para entender os batalhadores, visto que é um processo árduo e desafiador e ele não está “ao alcance de todas as classes” (Souza, 2012, p. 51).

Esses princípios (das disposições) seriam frutos de origem, visão de mundo e hábitos “herdados” da família; dos contextos sociais dos quais participou o indivíduo, de suas experiências educacionais e profissionais; assim como de outros possíveis contextos de socialização e de atuação que foram significativos em sua trajetória de vida. Ou seja, partindo das origens familiares e sociais, ao longo dessa trajetória, uma pessoa tende a apresentar, “estocar” e incorporar determinadas disposições que podem ser demandadas, por exemplo, em certos contextos socializadores nos quais ele irá se inserir (Souza, 2012, p. 95).

A partir dessa reflexão, o autor então aponta que as principais formas com que esses batalhadores adquirem tais disposições são através de princípios que lhes foram “herdados”, os quais eles conseguiram ativar e incorporar ao longo da sua vida. Dentre essas disposições destaca-se como principais: a disposição para autossuperação, essa pode ser observada nas tomadas de decisões que são referentes à superação do estilo de vida atual ou anterior, ou seja, é a capacidade deste batalhador de projetar-se em uma outra condição, visando uma melhoria para si próprio mas também para seus filhos; seguindo desta disposição, pode-se encontrar a de se fazer um exemplo a ser seguido – garantindo que, se os filhos não estiverem em uma posição melhor que ele no futuro, pelo menos que sigam seus passos e encontrem maior

estabilidade. Também se encontra presente no perfil destes batalhadores a disposição da aprendizagem pela experiência – ou seja, usar do que aprendeu antes e o que aprende durante o trabalho a seu favor; para projeção de futuro – característica principal que os diferenciam da ralé.

Considerando a grande quantidade de batalhadores autônomos e que tem seus próprios negócios, percebe-se como um traço comum entre eles a disposição referente à construção da imagem positiva. Neste caso, o batalhador se esforça para que seus clientes sintam conforto e segurança perto dele, isso pode ocorrer por meio de um estabelecimento limpo, uma imagem de honestidade, um relacionamento saudável com a família, etc. Ainda nesse perfil de administrador, percebe-se a presença e a disposição para a aquisição de bens de consumo superiores no caso desses batalhadores, ou seja, a melhoria no que ele oferece, sejam esses bens de consumo: uma televisão para um restaurante, ingredientes, produtos de venda, etc. (Souza, 2012, p. 96).

Outro fator característico dos batalhadores consiste nas disposições econômicas gerais, que são pautadas no cálculo econômico e na capacidade de elaborar uma poupança, o que permite com que esse pequeno empreendedor consiga administrar o fluxo de capital, além do quanto guardar para dar uma segurança pessoal. Adiciona-se ainda a disposição administrativa, que contém algumas outras características fundamentais para o desenvolvimento do comércio do batalhador, possibilitando-o um bom funcionamento de seu pequeno comércio, sendo elas “inclinações e propensões à realização de ações de planejamento, coordenação, ordenação e controle de um negócio” (Souza, 2012, p. 97), dentre elas temos: a disposição para cálculo econômico aplicado; para atendimento e trabalho comercial; a que visa a organização e coordenação de atividades; a capacidade de “visão de negócio”; o hábito de aprendizagem na prática dos negócios; e também para aprendizagem por meio de observação de outros negócios (Souza, 2012, p. 98).

Considerando que existem diversos tipos de batalhadores, mostra-se mais presentes algumas características no grupo geral do que outras. Dentre elas, as disposições que envolvem um bom futuro para a família se fazem de destaque, visto que, ao longo do livro, são os pontos mais importantes para eles. Pode-se observar que é constante o desejo desses batalhadores ou de seus filhos por ingressarem em uma faculdade a fim de conseguir um trabalho mais estável, ou no de dar bons exemplos de como trabalhar duro, ser uma “boa pessoa”, ter princípios que possam permitir com que estes sejam membros ativos e “úteis” da sociedade, entre outros.

Referente a questão administrativa e econômica, mesmo que não sejam todos donos de pequenos negócios, ainda se faz presente em grande parte dessa classe social as características que tratam de poupança, organização e coordenação de atividades. Enquanto as classes médias e altas têm um maior acesso e liberdade a realizar atividades de lazer que envolvam dinheiro, os batalhadores aprendem desde cedo a não apenas se privarem destas, como usar do tempo em que estariam realizando-as para trabalhar, a fim de, no futuro, colher os frutos desse esforço e dos sacrifícios que resultam dele.

São essas especificidades que constroem o modo de pensar e agir dos batalhadores e os diferenciam das outras classes, tanto da classe média, quanto da ralé. Nessa exposição, o autor constroi o modo básico de ação destes atores, que podem ser confirmados e percebidos, ao longo de entrevistas, na maneira pela qual estas características influenciam nas ações individuais, que, apesar de se originarem de vivências particulares, convergem em pontos comuns. Ao longo do livro, Souza mostra que, apesar dessas disposições, nem todos os batalhadores conseguirão obter esse aumento da concentração de capital financeiro esperado e, às vezes, é preciso que gerações sigam o estilo de vida e os ensinamentos dessa classe até que possam colher os frutos de seu trabalho duro.

O racismo enfrentado pelos batalhadores

Outra característica extremamente importante para entender quem são os batalhadores e o tipo de esforço que esses fazem para melhorar sua condição de vida e se sentirem pertencentes e dignos de admiração social é o fenômeno do racismo. Como diversos desses batalhadores surgiram de famílias oriundas da ralé, grande parte de sua composição são de pessoas pretas, que sofreram racismo em diversos momentos de suas vidas, mais um dos motivos que impulsionou sua vontade de se desenvolver economicamente e ganhar o respeito da sociedade.

Um dos casos presentes no livro de Souza (2012), no capítulo intitulado “batalhadores e racismo”, é o de Laura. Ao longo de sua trajetória de vida e da de seus filhos, o racismo se fez presente em seu cotidiano. O filho mais velho, Antônio, entendia o Exército como uma instituição na qual ele poderia conquistar uma ascensão social e econômica, entretanto, apesar de Antônio ter se formado na escola da Aeronáutica e possuir um futuro dentro da instituição, quando seu superior veio a falecer e foi substituído por um outro general, Antônio foi dispensado de sua posição superior devido a motivações racistas. Contudo, perpetuando a lógica de sacrifício presente para a possibilidade de um futuro estável, ele viu no estudo a possibilidade de ascensão e cursou engenharia no ensino superior dividindo o tempo de

faculdade com “bicos” (Souza, 2012, p. 178), conseguindo uma oportunidade de emprego na África como engenheiro após se graduar.

De acordo com as descrições apresentadas pelo autor, todos os membros da família sofreram racismo no ambiente escolar, mas outro âmbito do racismo sofrido por esses batalhadores foi o ligado à estética das filhas de Laura. Na escola, sempre foram desprezadas e nunca vistas como bonitas, tendo que se submeter ao denominado “embranquecimento”¹ – alisar o cabelo, repensar os modos de agir, entre outros costumes – para serem melhor vistas pela sociedade. Suas filhas, na constante necessidade de se provar como alguém além da cor da pele, usaram as chances de crescer na vida como uma oportunidade de serem vistas pela sociedade como dignas de respeito.

A discriminação que ela (Rosa, filha de Laura) e a irmã sofriam era estética, tanto com relação ao seu estereótipo quanto à imagem da casa em que moravam. Ela conta que foram muitas vezes consideradas como “mais feias do bairro” e que sua casa, aos olhos das outras adolescentes que as discriminam, também era a mais feia, porque o chão era de cimento batido, encerado com ceras coloridas. Os rapazes do bairro também não as viam como as mais belas. (Souza, 2012, p. 181)

Na questão referente à aparência e a relacionamentos, mostra-se, ainda no relato da família de Laura, que o racismo sofrido por esses batalhadores reflete na vertente amorosa das relações sociais. Rosa percebeu que era mais difícil para a mulher preta ter um parceiro do que para a mulher branca. Ela aponta que a preta poderia ser “usada”, mas jamais seria “assumida”, “ou seja, a mulher negra serve como amante, mas não como alguém para se ter uma relação séria” (Souza, 2012, p.182).

No momento de relatarem suas juventudes, o racismo sempre vem à fala; elas percebiam-se como aquelas que não tinham sucesso em amizades e namoro. Sempre lutaram para nunca serem tachadas como “fáceis” e, para isso, a religião foi um escudo eficaz, que, além de proteger a imagem, deu a elas uma noção de vida em “castidade”, que dizia respeito tanto ao ato sexual em si como também a todo um modo de agir com relação à sexualidade. Anos mais tarde é que houve um relaxamento dessa tensão para as duas. Essa segurança só veio para elas porque Ana e Rosa entraram no mercado de trabalho, tiveram filhos e construíram vidas estáveis para si. (Souza, 2012, p. 188)

¹ Entendido por Souza como um processo simbólico ao qual o indivíduo necessita se submeter para ser aceito em um determinado grupo, que normalmente o desprezaria por ser preto, tento que se transformar em algo socialmente entendido como “bom” e deixar de lado o que terceiros acham “ruim”. O termo também está constantemente relacionado com a relação entre “sujo” e “limpo”, refletindo que, na sociedade em que vivemos, o pretos e pobres do país “são pessoas cujo modo de vida é tão degradante que a todo momento precisam provar aos outros que são limpos (Souza, 2012, p.184).

Percebe-se então que o racismo presente na vida desses batalhadores se manifesta de diversas formas. No ambiente de trabalho, onde alguns desconfiam da capacidade desses indivíduos de fazerem um bom trabalho, ou onde eles apenas são negligenciados devido a sua cor de pele. Na escola, na igreja e na própria ideia social do que é considerado belo, sua aparência e do próprio ambiente em que vivem. Nesse sentido, pode-se entender a vontade desses indivíduos de negar sua origem e querer passar pelo processo, anteriormente já citado, de embranquecimento. Trata-se aqui, portanto, de notar algumas das formas de violência sofridas por batalhadores no transcurso de suas vidas que, articuladas em torno do racismo, se traduzem em obstáculos que estão presentes tanto na vida profissional quanto na vida afetiva. Essas formas de sofrimento serão melhor discutidas na parte final deste trabalho.

Os batalhadores e sua relação com o estudo

Jessé Souza (2012) analisa também como característica fundamental dos membros mais velhos dessa classe a vontade de proporcionar aos filhos o que lhes foi privado. Nesse sentido, o desejo do estudo se torna constante entre os batalhadores, podendo ser observado tanto no capítulo do telemarketing, pela entrevista com Luciana – que vê o serviço como uma profissão passageira que a permitirá ascender profissionalmente por meio do estudo de nível superior, no qual ela consegue manter devido à renda desse trabalho –, quanto em entrevistas posteriores, onde os pais entendem o estudo como uma oportunidade de livrar os filhos de sua vida árdua.

O sucesso relativo de quem nada tinha no Nordeste e conseguiu se estabelecer com sua família como um pequeno comerciante digno já é motivo suficiente para jamais se arrepender, e tal satisfação possivelmente serviu de exemplo e influência para os filhos se dedicarem ao trabalho. A rotina de consumo e os bens deste trabalhador são efeitos de seu esforço e a sua estabilidade básica. [...] Já pensa em como poderá trabalhar para sustentar a futura faculdade da filha. Esta possibilidade no horizonte exprime outro traço marcante dos batalhadores, a noção de que um futuro melhor para os filhos depende dos estudos. (Souza, 2012, p.157)

A partir dos anos 2000, houve uma transformação estrutural na sociedade brasileira que permitiu às classes populares obterem direitos que antes lhes eram negados. (Alves, 2022, p. 2) Nesse cenário, o acesso à educação em diferentes níveis contribuiu para que houvesse uma redução das desigualdades de oportunidades e uma mudança no perfil da pobreza, visto que esses mesmos indivíduos passaram a ter mais acesso aos bens de serviço. É nesse sentido que a classe dos batalhadores passa a fazer parte da fração da sociedade com um crescente acesso, embora ainda limitado, ao capital cultural proporcionado nas escolas e que permitiu

com que estes não apenas investissem nos estudos dos filhos, como também entendessem a educação como uma forma de emancipação de sua própria condição social.

Apesar de compreender a importância dos estudos na formação pessoal, Jessé Souza (2012) reafirma na sua obra a dificuldade do batalhador em conciliar os estudos com o trabalho e como este pode ser uma fonte de agonia. Na entrevista de Rodolfo, atendente de telemarketing, essa relação conflitante fica evidente, visto que o jovem diz que, apesar de terem coisas que ele tinha facilidade em aprender, sua repulsa ao ambiente escolar dificultava a vontade de estudar (Souza, 2012, p. 75).

Então, apesar de ter formalmente completado os estudos do ensino médio, sua experiência escolar serviu muito mais para distanciá-lo desse mundo escolar do que aproximá-lo, tendo em vista o acesso aos níveis superiores de educação. A escola tem, para esse batalhador, muito mais o papel de nele produzir um tipo de violência simbólica, no sentido de um distanciamento do conhecimento escolar, concretizada no desestímulo para o estudo. (Souza, 2012, p. 75)

Ademais, o trabalho, para os batalhadores, não é uma “consequência suave do estudo”, assim como nas classes médias e altas, mas sim um esforço pautado na necessidade de obter uma renda e se inserir precocemente no mercado de trabalho (Alves, 2022, p. 6). Ao observar todos os sacrifícios e dificuldades passadas por essa nova classe social brasileira, percebe-se que o batalhador obteve esse nome em “homenagem a essa classe que se reinventou sozinha sob as piores condições” (Souza, 2011, p. 36). Por meio de sua origem e mercado de trabalho precário – resultante do capitalismo flexível que se desenvolve no Brasil –, essa classe passa por diversos sofrimentos, sendo esses social, emocional ou físico.

O sofrimento social no sistema capitalista

Nessa parte do relatório o objetivo é melhor compreender as formas de sofrimento próprias dos batalhadores, para tanto, julga-se necessário realizar uma análise do próprio conceito de sofrimento. Emmanuel Renault traz em seu livro *Social Suffering: sociology, psychology, politics* (2017) as dificuldades e limitações trazidas pelo termo e seu significado, ele afirma que, tratando de sofrimento social, é necessário que haja uma discussão de uma realidade psicológica junto com uma dimensão social, logo, esse fenômeno não pode ser abordado por apenas uma frente de pesquisa e nem consegue ser classificado somente como uma questão individual ou fenômeno coletivo (Renault, 2017, p. 3).

Os pesquisadores das ciências humanas tendem, com muita frequência, a reconhecer como dignos de interesse apenas os fenômenos que imediatamente suscitam

questões consideradas legítimas dentro de suas disciplinas, em vez de aceitar o desafio lançado por fenômenos que se encaixam nelas apenas imperfeitamente. [...] O termo “sofrimento social”, na verdade, refere-se a um conjunto de fenômenos que a psicologia percebe com dificuldade, pois ela, como tal, não pode ter uma teoria completa das condições sociais e dos efeitos sociais dos problemas que estuda. Da mesma forma, esse conjunto de fenômenos não é facilmente abordado por uma sociologia que, assim, não pode ter uma concepção de sofrimento como tal, ou seja, de sofrimento como afeto. (Renault, 2017, p. 4, tradução nossa.)²

A partir dessas limitações, percebe-se a dificuldade de entender o sofrimento no geral, seja por suas dimensões psicológicas ou especificações remetentes à interação social. Renault então traz a ideia de que o sofrimento, e em particular o sofrimento social, podem e devem quebrar com as concepções gerais e desenvolver um sentido próprio para trazer uma nova forma de entender as dimensões da questão (Renault, 2017, p. 6). O termo sofrimento social, como trazido pelo autor, abarca as várias formas do termo “social” que nele se faz presente. O sofrimento é um fenômeno que, assim como a violência, traz em si o questionamento sobre sua legitimidade, ou seja, sobre a necessidade de sua existência. Percebe-se então que a pobreza, a desigualdade e os sofrimentos resultantes destes problemas sociais é o que torna esse tipo de sofrimento presente na nossa sociedade (Renault, 2017, p. 11).

Emmanuel Renault (2017) também aponta que uma visão crítica do sistema capitalista neoliberal e as novas formas de desigualdade oriundas deste é essencial para a criação de uma resposta ao sofrimento dos países periféricos, pois “pobreza e desnutrição, violência e as dificuldades para a sobrevivência que eles (países centrais) causam permanecem a maior forma de sofrimentos nos países da periferia” (Renault, 2017, p. 11, tradução nossa)³. A partir dessa reflexão, o autor conclui que o “sofrimento, como um simples fato, desafia a ordem social na qual ele emerge” (Renault, 2017, p. 17, tradução nossa).⁴

Nesse sentido, foca-se, no presente trabalho, em uma forma de sofrimento denominada sofrimento social, entendido como indissociável do sofrimento no trabalho – e do sofrimento psíquico – e tende a se dar justamente com o desmantelamento das relações sociais atuais no cenário produtivo (Linhart, 2010; Renault, 2008, pp. 56, 158 apud Bouyer, 2015, p. 107). Esse tipo de sofrimento, como citado anteriormente, conecta as dimensões da realidade

² “Human science researchers too often tend to recognize as worthy of interest only those phenomena that immediately raise the questions recognized as legitimate within their disciplines, instead of taking up the challenge thrown down by phenomena that fit them only imperfectly. [...] The term ‘social suffering’ in fact refers to a set of phenomena which psychology perceives only with difficulty because psychology as such cannot have a complete theory of the social conditions and social effects of the problems it studies. Similarly, this set of phenomena is not easily handled by a sociology which, as such, cannot have a conception of suffering as such, that is to say, of suffering as affect.”

³ “Poverty and malnutrition, violence and the struggle for survival that they cause remain the major form of suffering in the countries of the periphery.”

⁴ “Suffering as a simple fact challenges the social order in which it emerges.”

psicológica do sofrimento e também do fator social (Renault, 2017, p. 18). De acordo com Hélio Alexandre da Silva, em seu texto “Sofrimento social como dimensão da pobreza” (2022), a ideia de sofrimento social, como entendido por Renault “pretenderá caracterizar certas experiências sociais negativas de nosso tempo que não podem ser reduzidas ao efeito transitório das transformações sociais em curso” (Silva, 2022, p. 35).

É nesses termos que ganha mais força a afirmação segundo a qual o termo sofrimento parece apresentar “o resultado de uma não-satisfação durável e insuportável” daquilo que Renault chama de “*besoins du moi*” (RENAULT, 2008, p. 307). O sofrimento estaria ligado à incapacidade, estendida no tempo, de satisfazer necessidades. Porém, não seria qualquer insatisfação, mas aquelas que alcançam um nível tal que as necessidades insatisfeitas podem ser qualificadas como insuportáveis e que, portanto, se situam no campo dos fenômenos produzidos por experiências de “grande precariedade”. (Silva, 2022, p. 35)

A partir da complexidade dos conceitos, faz-se necessária a diferenciação entre a ideia de sofrimento e de dor. Renault classifica a dor como entendida através de um fenômeno psicológico que seja necessariamente acompanhado por uma sensação física. Já o sofrimento, por outro lado, tende a ser majoritariamente psicológico e pode vir a ser acompanhado de uma dor, ou seja, “toda dor pode ser experienciada como um sofrimento, mas alguns sofrimentos podem ser estritamente de ordem psicológica” (Renault, 2017, p. 19, tradução nossa)⁵. Partindo dessa reflexão que separa a dor e o sofrimento, o autor traz então as principais origens do denominado “sofrimento social”, entendido como uma interação entre o sofrimento e os processos e relações sociais, ou seja, como um efeito estrutural ou como uma característica específica de certas ações sociais. A partir dessas concepções, pode-se perceber como o trabalho e as dinâmicas presentes nesse mercado podem causar esse tipo de sofrimento.

A ideia de sofrimento social visa, em particular, caracterizar algumas das experiências sociais negativas mais típicas da nossa época (como o sofrimento no trabalho relacionado a novas formas de trabalho, o sofrimento psicológico ligado à exclusão no centro da economia mundial e o sofrimento relacionado à pobreza estrutural extrema na periferia), que aparentemente não podem ser reduzidas ao efeito transitório das transformações sociais em curso. (Renault, 2017, p. 28, tradução nossa).⁶

⁵ “All pain can be experienced as suffering, but some suffering can be of strictly psychological origin.”

⁶ “The idea of social suffering aims in particular at characterizing some of the negative social experiences most typical of our time (such as suffering at work related to new forms of work, psychological suffering linked to exclusion at the centre of the world economy and suffering related to extreme structural poverty on the periphery) which seemingly cannot to be reduced to the transient effect of social transformations that are underway”

Deste modo, entende-se que o sofrimento social pode surgir graças à relação produtiva “contemporâneas eivadas e singularizadas pela dominação e controle exacerbados do trabalho pelo capital flexível” (Bouyer, 2015, p. 110), de modo com que a alta demanda, as exigências e os medos – causados pela dominação, exploração, expropriação do sentido, controle, intensificação e precarização – causem uma constante agonia no proletariado.

Embora o termo “sofrimento social” seja muito mais amplo e genérico que os termos “sofrimento no trabalho” e “sofrimento psíquico”, eles são indissociáveis, os três. Conforme já dito, ele (o sofrimento social) abarca o coletivo de indivíduos e, nele, faz ocorrer o que se denomina sofrimento no trabalho e sofrimento psíquico (Bouyer, 2015, 107)

Assim, existe uma relação entre o sofrimento social e o trabalho precário e instável, visto que, mesmo havendo instrumentos de proteção ao proletário – promovidos por sindicatos ou entidades que representam esses trabalhadores –, estes evoluem em um ritmo mais lento do que os mecanismos de exploração capitalistas que “degeneram a condição social, humana e existencial do trabalhador” (Bouyer, 2015, p. 112). Em uma sociedade na qual o mercado e as condições de sobrevivência estão baseados no capitalismo neoliberal, a tendência é que esse sistema produza miséria, pobreza e condições de vida péssimas.

“Sofre-se e sofre-se muito, notadamente nos espaços em que o trabalho humano se desenvolve. Sofre-se com o adoecimento e mesmo com a possibilidade da morte que, aos poucos, vai sendo delineada nos ambientes de trabalho. É a morte pelos acidentes de trabalho, pelas doenças desenvolvidas em espaços insalubres, descuidados, nocivos, deletérios que aumentam a fadiga nervosa, a fadiga psíquica, a ansiedade, a depressão, os suicídios. Tal quadro é representativo do quão voraz e perverso pode ser esse sistema, carregando processos que transformam a vida das pessoas, gerando sofrimento, um sofrimento ampliado que nos faz sofrer a todos: o sofrimento social”. (Mendes, Werlang, 2013, p. 132)

Nesse sentido, torna-se clara a relação da pobreza com o sofrimento social. O grande capitalista vive em um conforto proporcionado pela estabilidade e pela segurança no trabalho, sem grandes esforços físicos e ambientes de risco, enquanto o pobre se submete a situações de extrema insegurança e perigo a fim de sobreviver. No livro de Souza (2012), pode-se perceber esse fenômeno no caso de Elimar, por exemplo, que é dono de uma pequena terra produtiva e, no início de sua trajetória, perdeu o dedo de uma de suas mãos em uma colheiteira, evidenciando o constante risco físico sobre o qual os batalhadores vivem (Souza, 2012, p. 110). Nesse caso de Elimar, nota-se o claro caso onde o sofrimento, que é entendido como majoritariamente psíquico, pode também resultar na dor física, ou seja, a pobreza e a insegurança no trabalho, que constantemente causam medos e inseguranças psicológicas,

também podem afetar o físico e causar dor. Assim, o constante medo do ambiente e do ato de trabalhar resulta em uma tensão que tende apenas a causar o sofrimento que, por maior que seja, ainda será ignorado pelo proletariado, visto que o ato de trabalhar, além de indispensável para sua sobrevivência, os permite ter uma renda e colabora para que este conquiste uma identidade e sua própria dignidade.

Ao analisar o fenômeno do sofrimento social, pode-se perceber que, como citado anteriormente, este não se trata apenas de dor física, ele “estaria presente nos sentimentos de isolamento social, de perda, de sentimentos aliados a depressão, ansiedade, culpa, humilhação e estresse” (Mendes, Werlang, 2013, p. 132). Ou seja, tende-se a haver mais sofrimento conforme o indivíduo se veja privado de bens materiais, injustiçado ou sem liberdade, e este se espalharia para toda a extensão do seu corpo, de modo com que toda a sua existência gire em torno dessa insatisfação resultante da dinâmica capitalista contemporânea. Porém, por esse surgir do trabalho, muitas vezes há uma culpa do proletariado em senti-lo (Mendes, Werlang, 2013, p. 138), visto que, com o neoliberalismo, a ideia de trabalhar duro, de se sacrificar e dar tudo de si, está vinculada a um ideal de virtude.

Esses indivíduos que vivem e sobrevivem do trabalho, ao serem expostos a um sofrimento constante resultante das relações sociais de poder e opressão em tal ambiente, podem acabar por adoecer o próprio corpo físico e, também, o mental. Nesse sentido, a necessidade de renda somada com a dificuldade de mudar de emprego – visto que esses batalhadores muitas vezes não tem ensino superior e acabam por ocupar cargos de trabalhos não especializados – resulta em um abuso do complexo corpo-mente (Bouyer, 2015, p. 110), fazendo com que, cada vez mais, a pobreza e o sofrimento social se tornem indissociáveis.

No caso específico dos batalhadores, grande parte de seu sofrimento surge do trabalho precário, mas também da falta de tempo para si. Em uma sociedade onde a singularidade do trabalhador está cada vez mais sendo privada, a ausência de atividades de lazer e tempo de qualidade com as pessoas que ama prejudica esses indivíduos, especialmente em um grupo que tem o valor à família como um ideal central. Esse exemplo pode ser visto no caso de Paulo e Helena, onde Paulo é pedreiro autônomo e Helena trabalha em uma pousada como camareira. O casal, devido a uma vida de constantes privações, teve que trabalhar duro para obter um lugar no mercado de trabalho e na própria sociedade. Desde cedo, ensinaram as filhas que “o lazer é algo [...] a sacrificar em favor de uma estabilidade futura” (Souza, 2012, p. 130). Essa falta de lazer e prazer entre os dois é uma fonte de sofrimento para ambos, entretanto, buscando uma vida melhor para as filhas e um maior conforto financeiro para si, esse continuará a ser sacrificado.

Porém, percebe-se um fenômeno extra nesses indivíduos que é, seguindo a inspiração weberiana, entendido como a “ética do sofrimento”. Surgido a partir do cristianismo, esse se trata de um “conteúdo objetivo de sentido em práticas quase naturalizadas entre católicos, unidos à rotina de trabalho duro que disciplina o corpo numa ascese quase espontânea” (Souza, 2012, p. 204). Esses batalhadores, muitas vezes de mais idade, entendem o sofrimento como um pontapé inicial para ter seu desenvolvimento pessoal e econômico, pois, sem ele, não haveria a vontade de obter mais. Vê-se como necessário sofrer no trabalho para querer se emancipar dessa ideia de sofrimento resultante da pobreza, obtendo, posteriormente, um conforto, ou seja, “se tenta precaver da escassez por meio da diligência e do trabalho” (Souza, 2012, p. 212).

O elogio da diligência e do sofrimento, que implica toda narrativa racionalizadora, justificadora e, claro, mistificadora do próprio sofrimento como redentor, está de tal forma incorporado na práxis dos batalhadores, principalmente naqueles que remontam a uma origem rural na própria geração ou na de seus ascendentes mais próximos. (Souza, 2012, p. 213)

Nota-se então que, mesmo com essa lógica que entende o sofrimento como algo que precisa ser superado para que esses indivíduos tenham uma melhora financeira, os trabalhadores inseridos no sistema neoliberal de constante insegurança e de trabalhos irregulares e precarizados tendem a adquirir esse sofrimento social resultante das constantes relações sociais de abuso de poder no ambiente laboral. Desse modo, esse sofrimento, mesmo que entendido pelos batalhadores como algo a ser superado para benefícios a longo prazo, causa uma constante agonia originada da privação de bens e injustiças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou caracterizar a emergente classe social dos batalhadores brasileiros, conforme delineado por Jessé Souza em *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* (2012), e analisar as principais formas de sofrimento social que esses indivíduos podem encontrar em sua trajetória de vida. Embora o fator econômico seja algo a se considerar ao analisar a estratificação social, Souza (2012) destaca a ineficiência de olhar apenas para esse quesito ou seu lugar na produção, mas também considerar a visão prática que é trazida por seus hábitos e valores. A partir disso, pode-se responder a pergunta norteadora deste estudo: *Quais os níveis de falta de acesso ao que foi socialmente produzido e quais as principais formas de sofrimento social podem ser encontrados a partir da caracterização do conceito de batalhadores?*

A ascensão social relativa dos batalhadores é pautada em um ethos do trabalho duro, sacrifício e disciplina, o que permite com que eles sejam inseridos na atual dinâmica capitalista de consumo e produção de bens. Sua inserção no mercado de trabalho normalmente se dá pela necessidade de sobrevivência e pelos ideais intergeracionais, o que difere das classes mais altas. Enquanto para os mais providos de capital econômico os estudos e o trabalho são consequências óbvias do estilo de vida, para os batalhadores esses dois fatos tem que ser algo adquirido por muito trabalho duro e vontade, que normalmente são passadas pelos pais no momento de criação, fenômeno denominado capital familiar – que engloba as suposições de autocontrole, resistência à rotina exaustiva e pensamento prospectivo.

Conforme o que foi analisado, é evidente que o sistema capitalista neoliberal, marcado pela instabilidade e precarização do trabalho, pode vir a produzir o sofrimento social, principalmente nas classes mais baixas. Esse sofrimento é entendido como interação entre processos sociais e a realidade psíquica, podendo se manifestar de diversas maneiras. Para os batalhadores, esse sofrimento social pode ser visto tanto nos resultados e na rotina do trabalho instável, na privação de tempo de lazer com a família, na necessidade de sacrifícios afim de ter uma estabilidade financeira e, considerando o histórico das pessoas que fazem parte dessa classe, pelo racismo sofrido por eles – seja no meio profissional, escolares, nos ambientes de culto a religião, entre outros.

Em suma, o estudo e investigação a respeito da classe dos batalhadores elucida os níveis de falta de acesso ao que é socialmente produzido – sendo bens, serviços ou até mesmo capital cultural – e revela as complexas formas de sofrimento, tendo um enfoque maior no sofrimento social – que, como efeito das relações sociais de poder e opressão no trabalho e na própria sociedade e da realidade material dos indivíduos, pode se dar tanto fisicamente quanto apenas psicologicamente – e constantemente ressaltando como essa classe conseguiu se reinventar e adquirir um espaço na sociedade brasileira contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. “Com o suor do trabalho”: uma análise do ethos dos batalhadores manifesto no âmbito do consumo. 2018.

ALVES, Ana Rodrigues Cavalcanti. Batalhadores culturais: trajetórias de mobilidade ascendente nos meios populares. Educação e Pesquisa, v. 48, p. e254909, 2022.

BOUYER, Gilbert Cardoso. Sofrimento social e do trabalho no contexto da área "saúde mental e trabalho". Psicologia & Sociedade, v. 27, p. 106-119, 2015.

CHALLINOR, Elizabeth Pilar. Identidade e pertença: para além das dimensões materiais do sofrimento social. *Etnográfica*. Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia, v. 15, n. 3), p. 479-500, 2011.

DA CRUZ COSTA, Antônia Rafaela; DA SILVA, Maria Andréa Luz. Jovens Batalhadores entre a Formação e o Trabalho:: uma incógnita no ideário juvenil. *Inovação & Tecnologia Social*, v. 2, n. 3, p. 83-95, 2020.

DI MARTINO, Mayla; DUNKER, Christian Ingo Lenz. Sofrimento e Identificação no Neoliberalismo: os batalhadores brasileiros e a "virada conservadora" nas eleições presidenciais de 2018. *Trivium*, v. 1, n. 2, 2023.

FELIX, Jorgemar Soares. Batalhadores depois dos 60: uma crítica aos tipos de integração do idoso no mercado urbano de trabalho. 2018.

GOMES, David Francisco Lopes. Sobre a teoria das classes sociais de Jessé Souza. *Revista de Direito (Viçosa)*, 2019.

MENDES, Jussara Maria Rosa; WERLANG, Rosangela. Sofrimento social e a Saúde do Trabalhador. *Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, v. 11, n. 32, 2013.

NATALINO, Marco; LOPEZ, Felix Garcia. Introdução à edição temática Classes sociais, Estado e desigualdades. 2020.

PUSTAI, Odalci Jose et al. Itinerários de vida de batalhadores: improváveis às portas da universidade. 2021.

RENAULT, Emmanuel (2017). *Social suffering: sociology, psychology and politics*. Translated by Maude Dews. London/New York: Rowman & Littlefield.

_____. (2008). *Souffrances sociales: philosophie, psychologie et politique*. Paris: La Découverte.

SILVA, Helton Luís. Resenha Comparativa: A nova classe média e os batalhadores brasileiros= Comparative Review: The new middle class and the Brazilian "batalhadores". *Camino: Caminhos da Educação= Camino: Ways of Education*, v. 7, n. 1, p. 190-196, 2015

SOUZA, Jessé. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

_____. A parte de baixo da sociedade brasileira. *Revista Interesse Nacional*, v. 14, n. 4, p. 33-41, 2011.

_____; GRILLO, André. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Brasil, Editora UFMG, 2010.

TEREZA, Cleiton Donizete Corrêa. Trabalho, educação e cultura pelos jovens batalhadores: das ideologias capitalistas às possibilidades de insurgência. 2022. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

UNGER, Roberto Mangabeira. Os batalhadores e a transformação do Brasil. Prefácio. In: SOUZA, Jessé. Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora? 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

VICENTE, Eliana. Nova classe média: um delírio coletivo. A “nova classe média” no Brasil como conceito e projeto político, p. 81-93, 2013.

WERLANG, Rosângela; MENDES, Jussara Maria Rosa. Sofrimento social. Serviço Social & Sociedade, p. 743-768, 2013.

THE SÃO PAULO RESEARCH FOUNDATION

SCIENTIFIC REPORT OF THE RESEARCH INTERNSHIP ABROAD (RIA)

**SOCIAL THEORY AS CLASS THEORY: AN ANALYSIS OF BRAZILIAN
“BATALHADORES” AND SOUTH KOREAN “NON-STANDARD WORKERS”**

Process nº 2025/01630-5

Scientific report of the Research Internship
Abroad (BEPE) to FAPESP- The São Paulo
Research Foundation.

Researcher: Sofia Grandini

Advisor: Hélio Alexandre da Silva

International Advisor: Hyunji Kwon

Institution: Seoul National University

Period: 26/04/2025 to 25/08/2025

SEOUL

2025

PRESENTATION

This theoretical research – conducted during the Research Internship Abroad, funded by the São Paulo Research Foundation (FAPESP), at the Seoul National University, in Korea, from April 26, 2025 to August 25, 2025 – aims to understand the similarities and differences between the Brazilian “batalhadores,” as interpreted by Jessé Souza in the book *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* (2010), and South Korean “non-standard workers,” as presented by various authors throughout the study. The relation between these two fractions of Brazilian and South Korean societies is primarily based on informal and unstable work conditions. In this regard, the objective is to examine the extent to which they align or diverge theoretically. This analysis intends to demonstrate how labor market precariousness and instability are recurring elements in the portrayals of these workers as presented by the authors under investigation.

1- Initial project abstract

The initial project aimed to deepen the concept of “batalhadores” (battlers) as understood by Jessé Souza in the book *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora* (2010), in order to analyze how precariousness in the labor market and income instability affects these workers. Understanding that the precariousness of labor laws is influenced by international movements in relation to the labor market, and, consequently, it is a problem faced globally, therefore the project proposed to relate Souza's work with the works of Hyunji Kwon. The objective was to establish the relation and similarities between the new Brazilian working class – the “batalhadores” – and the South Korean proletariat class, focusing on the low-income stratum of society that was affected by the 1990s crisis in the country and how this same crisis modified the labor market, normalizing irregular contracts and temporary jobs.

2- Activities done in the period related to the report

During the period in which this research was conducted (April 26th, 2025 until August 25th, 2025), the student carried out a search and study of a variety of new bibliographies that was relevant to the conceptual and theoretical base of the said research. All the process was conducted under the guidance of the international adviser, which enriched the work and its perspective. In addition to the structural analysis (Goldschmidt, 1963; Guérault, 2007) and critical analysis (Adorno, 1986) of the available specialized material listed in the bibliographic references, the methodology was also to discuss the themes and topics relevant to the project with Professor Kwon Hyunji to deepen the theme and relate the concepts. The present article is the result of this work and addresses the following goals:

Firstly, the general objective was:

To outline the similarities between the South Korean proletariat class and the Brazilian "batalhadores", characterizing both, in order to relate the working conditions between both and understand how neoliberal capitalism affected the lives of workers in both countries, mainly through the economic instability provided by it and how it is justified by the flexibility of capital.

Guided by this general objective, the following goals were drawn:

- a) Deepen the bibliography reference based on the research of Korea-focused authors to gain a better understanding of the context and specification of Korean society.
- b) Deepen the bibliography for a better understanding of both the Korean non-standard workers and the Brazilian "batalhadores", in order to find similarities and differences between them.
- c) Deepen the bibliography to correlate both working classes and its relation with social suffering.

2.1 Participation in academic events

During the research period, the student was invited to participate in a seminar at the Seoul National University with graduate students, where each time one researcher would do a presentation of their work that was related to the labour market and informal working conditions.

2.2 Meetings with the advisor

During the four months in which the research was conducted, meetings were held with the international advisor both in the seminar and also privately. In these sessions, the supervisor gave suggestions about the research and how the student could improve, as well as opinions on other people's research, which helped to give a better understanding on how to proceed with the construction of this research. Frequently, the meetings also evolved into debates that significantly contributed to the researcher's academic development, sparking new lines of thought and introducing the student to other academics whose work proved valuable to the project's development.

3- Application of the knowledge gained during the research internship abroad

The work conducted during the Research Internship Abroad (BEPE) fostered a deeper understanding of the concepts of South Korean non-standard workers, as well as the crises of 1997 that led the population to lose their jobs and inserted them into a frequently more common informal working conditions. The time in South Korea also made possible to enrich the research conducted in Brazil, as it was possible to see other society dynamics and how each country's history and politics affect their respective lower classes and poverty.

The original research seeks to understand the relationship between poverty, social suffering, humiliation, survival conditions, and its effect on the lower classes in Brazil, focusing on the work of Jessé Souza, entitled *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora* (2010). In this sense, it was possible to relate this research with Professor Kwon because of her deep knowledge not only of Korean society but also the labour market in general, which made it possible to compare it with the Brazilian "batalhadores".

As a whole, the internship allowed the student to have a better understanding of how Korean society and their labour market works, as well as understand the concepts of informal work and non-standard workers. Consequently, it made easier to comprehend the Brazilian "batalhadores" and their uniqueness, as well as their similarities with other country's lower class and how the neoliberalism in our society made poverty somewhat similar in different parts of the world.

4- Discussion

INTRODUCTION

In contemporary society, with the advancement of neoliberal capitalism and globalization, new class dynamics emerge. Consequently, in the theoretical field, arises the possibility to classify the social stratification according to individuals' positions both within society and in the labor market. Within this context, Jessé Souza seeks to understand new labor trends through his work *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* (2010). In it, he argues that social class cannot be defined by income – as liberals claim – nor solely by individuals' position in production. Instead, he advocates for “a “practical” worldview, reflected in behaviors and attitudes” (Souza, 2012, p. 45. Translated by this article's author), as the basis for class definition.

Thus, Jessé introduces the three main class divisions that he considers present in all contemporary societies: lower, middle, and upper classes. In this classification, dominant classes (middle and upper) are identified through their access to ideals of financial, social, and familial security – economic and cultural capital. Subsequently, the author characterizes the lowest class as the “ralé” (underclass/rabble), consisting of individuals deprived of economic capital – whether from monthly earnings or inheritance – and marked by an insecure position in the labor market, unlike other classes. They also lack cultural capital, which is acquired through education or passed down through generations, and it encompasses behavior, ideals, and ways of thinking.

Building upon this traditional classification, Souza goes further and proposes the identification and categorization of a new social class within the Brazilian context: the *batalhadores* (which directly translates into “fighters”). Positioned between the underclass and the middle class, the members of this new class originate, through familial ties, from the lower class but have achieved relative social mobility through the logic of hard work and sacrifice. This upward mobility grants them access to material goods and integrates them into the dynamics of production and consumption – formerly privileges of dominant classes. For this new social class, work is not learned through study or as an extension of it (Souza, 2012, p. 51) as it is for higher classes, who first enter higher education and, only afterward, the labor market equipped with cultural capital. Instead, work is embraced through intergenerational ideals passed down as a survival mechanism in the labor market. Additionally, luck plays a crucial role in this social mobility, a phenomenon frequently observed in Jessé Souza's book.

Adopting this new perspective, it becomes possible to analyze other societies by combining income, social position, labor market integration, and the emotional and experiential dimensions of workers worldwide, thereby identifying the social stratum to which they belong. In this sense, the present research seeks to analyze South Korean *non-standard workers* to understand how they are positioned within their society and the types of difficulties they face both in the labor market – amid increasing precarization and ongoing flexibilization – and in social life. Ultimately, the study aims to highlight the similarities and differences between the concept of South Korean non-standard workers, as discussed by the authors consulted, and the Brazilian *batalhadores*, according to Jessé Souza.

DISCUSSION

The contemporary world can be characterized as neoliberal capitalist, based on a post-Fordist mode of production in which labor relations are shaped to meet the needs and interests of major capital holders, aiming at profit maximization. In this scenario, it is extremely common for individuals within the labor market to find themselves in a state of instability or distress due to constant systemic changes favoring employers. Some workers even choose to start their own businesses as a response.

In the article “The Effects of Institutional and Organizational Characteristics on Workforce Flexibility: Evidence from Call Centers in Three Liberal Market Economies” (2009), Hyunji Kwon, Danielle Jaarsveld, and Ann Frost discuss the characteristics of liberal market economies and their two main strategies for workforce flexibility: numerical flexibility – which concerns the adjustment of workforce size, reflected in changing demands for worker skills and employment through hiring, firing, or the use of non-standard contracts (Jaarsveld, Kwon, Frost, 2009, p. 574) – and functional flexibility, referring to the ability to transfer tasks or change the scope of individual assignments (Jaarsveld, Kwon, Frost, 2009, p. 574).

Thus, the dismissal and hiring of irregular workers becomes the most efficient profit-generating method in contemporary capitalist society. Job instability results in workers making extreme efforts to maintain their positions in it, while allowing companies to dismiss unsatisfactory employees at minimal cost. Therefore, flexible and unstable jobs reduce labor costs for capitalists, since, in order to get a job, there are always a lot of individuals willing to accept lower wages and precarious work conditions to ensure their survival amid the harsh competition typical of neoliberal capitalist societies.

This competitive dynamic leads to the degradation of labor and labor rights, characterizing these workers as “formal yet precarious *batalhadores*” inside this emerging

class established by Jessé Souza. Although they may have contracts or formal registrations, their work conditions remain unstable and exploitative, causing suffering and uncertainty. They are seen as “workers capable of high personal, physical, and psychological sacrifice, adaptable to the arbitrary demands of companies that ask nothing more than mere flexibility” (Souza, 2012, p. 70. Translated by this article's author). This description made by Jessé Souza aligns closely with the analysis presented by Jaarsveld, Kwon, and Frost, who describe a segment of precarious workers known as call center workers.

We focus on two primary mechanisms employers commonly use to regulate the size and composition of their workforce in call centers – employee dismissals and nonstandard employment contracts – because these strategies are sensitive to institutional differences and decisions about them are within management's domain. Dismissing employees provides employers with a means to adjust workforce size. When there is pressure to fill seats quickly to support a newly launched campaign, and little time to invest in a thorough recruitment and selection process, call center employers may use dismissals to eliminate workers who have proven to be poor selection choices. (Jaarsveld; Kwon; Frost, 2009, p. 575)

The authors regard customer service positions – specifically in call centers – as extremely unstable work and rooted in flexibility. They further note that the more liberal a country's economy is, the more likely it is to lack protective labor laws and to allow for greater flexibility in hiring and contract terms, being driven solely by profit (Jaarsveld, Kwon, Frost, 2009, p. 598). Therefore, it becomes increasingly evident that these workers share significant common traits with the Brazilian “batalhadores” as described by Jessé Souza. While the origins of this phenomenon differ in each country – reflecting their unique economic structures –, its roots can be considered global, resulting from globalization and the neoliberalization of labor markets.

The Brazilian Batalhadores

With the new configuration of capitalism and the labor market, a new social class – called the *batalhadores* – emerges and quickly becomes a highly relevant fraction in both the workforce and the economy. According to Jessé Souza in *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* (2012), this class arose as a “new middle class,” positioned between the *ralé* – the lowest social class – and the middle class. The author argues that this class is fundamental to the Brazilian economy, as it “drives the everyday reality of a country marked by income inequality and an unequal political agenda focused on equity and managerial balance” (Silva, 2015, p. 190. Translated by this article's author).

With the expansion of the neoliberal market, labor relations transformed themselves further to maximize profits and cater to large capitalist producers. This created a new dynamic that significantly affected the meaning and understanding of work, leading to the incorporation of the logic of “effort” and “hard work” as the main means of improving one’s living conditions. It is in this context that Jessé Souza (2012) introduces the debate on the *batalhadores*. According to the author, this class emerged when a considerable number of individuals, although still living in poverty, were no longer in as precarious a situation as members of the *ralé* (rabble). Despite being, in varying degrees, deprived of the economic and cultural capital that’s accessible to the middle class, these individuals have relatively better-structured families, unlike the underclass. They maintain bonds of love and respect with relatives and, most importantly, pass down a core value that structures the group: the ideal of hard work and discipline – a principle responsible for their social and professional ascent (Souza, 2012, p. 50).

The *batalhadores* tend to accumulate more capital than the *ralé*, although still significantly less than the middle and upper classes. Due to the intergenerational ideal of hard work, members of this class often make personal sacrifices to earn a decent income that allows for certain comforts – such as owning a home or traveling. This income, in turn, usually tends to support future generations, providing them with better opportunities, especially regarding education – an extremely important and motivating factor for *batalhador* families. However, it is important to note that despite the meritocratic logic of effort, the book *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora* (2012) consistently emphasizes the fundamental role of luck in the success of these individuals.

This reflection arises from the history of the *batalhadores*. They come from the same background as others who make up the Brazilian underclass (rabble) described by Jessé Souza. They face the same lack of economic and educational opportunities. Many are children of the same unstructured families that predominate among the country’s poor masses. Through some combination of individual will, support from others – a mother, a friend, or even a stranger –, and even luck, they reacted. They fought their way up. (Unger, 2012, p.15. Translated by this article’s author)

Given these factors, Souza argues that defining social classes solely based on economic criteria – a common practice in economic liberalism – becomes a problem itself due to a bunch of moral values, habits, and daily practices that shape one’s sense of belonging. In the case of the *batalhadores*, the maintenance of this class is made possible through the transmission of foundational principles to younger generations, whether they be the belief in hard work, community values, or resistance to exhausting routines and compulsive consumption, etc. This is one of the core concepts that defines this class and it is called

“family capital,” understood as the intergenerational transmission of values among *batalhadores*.

We also observed that this (capacity to endure exhaustion) was made possible by a very specific kind of capital we would like to call “family capital.” This is the most difficult aspect to perceive for the dominant and liberal forms of scientific activity that dominate academia and the Brazilian public sphere, because it links individuals, thought of by these dominant theories and worldviews as having no context and no past, to their primary social world. We call this interconnected set of behavioral dispositions ‘family capital’ because what appears to drive the social mobility of this class is the transmission of examples and values of hard and continuous work, even under extremely adverse social conditions. While the economic capital transmitted is minimal, and the cultural and educational capital remains comparatively low compared to the middle and upper classes, the majority of the *batalhadores* interviewed, on the other hand, possess structured families, with well-developed and current family roles for both parents and children. (Unger, 2012, p. 50. Translated by this article’s author).

Another relevant phenomenon for understanding the *batalhadores* is their recognition of the importance of education for upward mobility. Typically, the tendency is that the parents of *batalhadores* did not have the opportunity to study, therefore they worked to build a stable foundation so their children could attend college. A common situation noted by Jessé Souza is that young *batalhadores* often work during the day in temporary or precarious jobs and attend school and colleges at night, hoping that the sacrifice of their “free time” will eventually bring them future benefits and make the effort worthwhile.

The social suffering experienced by Brazilian *batalhadores*

According to Hélio Alexandre da Silva in his article “Sofrimento social como dimensão da pobreza” (2022), the notion of social suffering, as understood by Renault, “aims to characterize certain negative social experiences of our time that cannot be reduced to mere the transitory effects of ongoing social transformations (Silva, 2022, p. 35).

It is in these terms that the assertion that the term suffering seems to present “the result of a lasting and unbearable dissatisfaction” of what Renault calls “*besoins du moi*” (RENAULT, 2008, p. 307) gains more strength. Suffering would be linked to the inability, extended over time, to satisfy needs. However, it would not be just any dissatisfaction, but those that reach such a level that the unsatisfied needs can be qualified as unbearable and that, therefore, are situated in the realm of phenomena produced by experiences of “great precariousness.” (Silva, 2022, p. 35. Translated by this article’s author).

This social suffering cannot be separated from suffering at work or psychological suffering. It often emerges precisely from the dismantling of current social relations within the productive sphere (Linhart, 2010; Renault, 2008, p. 56, 158 apud Bouyer, 2015, p. 107). Such suffering tends to result from contemporary productive relations that are marked and

characterized by extreme domination and control of labor by flexible capital. High demand, strict requirements, and constant fear – generated by domination, exploitation, dispossession of meaning, control, intensification, and precarization – create an ongoing agony among workers.

Although the term “social suffering” is much broader and more generic than the terms “suffering at work” and “psychological suffering”, the three of them are inseparable. As already stated, it (social suffering) encompasses the collective of individuals and, within it, causes what is called suffering at work and psychological suffering to occur (Bouyer, 2015, 107. Translated by this article’s author).

In this sense, the author believes that, in our society, suffering at work – and consequently, social suffering – is expected to endure. Even though there are protective mechanisms for the working class – such as labor unions or advocacy organizations –, these evolve at a slower pace than capitalist mechanisms of exploitation, which “degenerate the worker’s social, human, and existential conditions” (Bouyer, 2015, p. 112. Translated by this article’s author). Therefore, while social and economic development may advance, social suffering tends to increase in parallel. In a society where the market and survival conditions are based on neoliberal capitalism, the system inevitably produces misery, poverty, and dire living conditions.

"There is suffering, and a lot of suffering, especially in the spaces where human labor takes place. We suffer from illness and even from the possibility of death, which is gradually emerging in the workplace. It is death from workplace accidents, from diseases developed in unhealthy, neglected, harmful, and deleterious environments that increase nervous fatigue, mental fatigue, anxiety, depression, and suicide. This situation is representative of how voracious and perverse this system can be, carrying out processes that transform people's lives, generating suffering, an amplified suffering that makes us all suffer: social suffering." (Mendes, Werlang, 2013, p. 132. Translated by this article’s author.)

This illustrates the direct relationship between poverty and social suffering. The capitalist elite enjoys the comfort provided by stable and safe working conditions, free from significant physical effort or risk, while the poor are subjected to extreme insecurity and danger for the sake of survival. In Souza’s book (2012), this phenomenon is illustrated through the case of Elimar, a small landowner who, early in his career, lost a finger in a harvesting machine – revealing the physical risks that *batalhadores* face daily (Souza, 2012, p. 110). The constant fear associated with the workplace and labor itself generates a tension that results in suffering – yet this suffering is often repressed by the proletariat, given that work is not only essential for survival, as they need to pay bills and do a lot of money-related things, but also contributes to one’s identity and dignity.

When analyzing the phenomenon of social suffering, it becomes evident that it is not limited to physical pain. Rather, it “manifests in feelings of social isolation, loss, and emotional states such as depression, anxiety, guilt, humiliation, and stress” (Mendes, Werlang, 2013, p. 132. Translated by this article’s author). In other words, suffering increases when individuals feel deprived of material goods, mistreated, or denied freedom. This suffering permeates their entire being and their physical body, shaping their existence around dissatisfaction produced by the cruel dynamics of contemporary capitalism. However, because this suffering stems from work, workers often feel guilty for experiencing it (Mendes, Werlang, 2013, p. 138), as neoliberal ideology links hard work, sacrifice, and total personal investment to notions of virtue.

These individuals, who live and survive through labor, may become both physically and mentally ill due to their constant exposure to suffering rooted in power and oppression within the workplace. The need for income, combined with limited job mobility – since many *batalhadores* lack higher education and are thus restricted to low-skilled jobs – leads to exploitation of the mind-body complex (Bouyer, 2015, p. 110). As a result, poverty and social suffering become increasingly inseparable.

Specifically for the *batalhadores*, much of their suffering stems from precarious labor conditions, but also from the lack of personal time. In a society where the individuality of the worker is increasingly undermined, the absence of leisure and quality time with loved ones severely impacts these individuals, who highly value family. This is exemplified in the case of Paulo and Helena: Paulo works as a self-employed bricklayer and Helena as a housekeeper in an inn. Due to a life of constant deprivation, the couple has had to work hard to secure a place in the labor market and society. From a young age, they taught their daughters that “leisure is something [...] to be sacrificed in favor of future stability” (Souza, 2012, p. 130. Translated by this article’s author). The couple’s lack of rest and enjoyment causes suffering for both, but these aspects continue to be sacrificed in pursuit of a better future for their children and financial comfort for themselves.

However, an additional phenomenon is observed among these individuals, which – drawing from Weberian inspiration – is referred to as the “ethic of suffering.” This concept, rooted in Christianity, refers to “an objective content of meaning in almost naturalized practices among Catholics, tied to a routine of hard work that disciplines the body through a quasi-spontaneous asceticism” (Souza, 2012, p. 204. Translated by this article’s author). Many *batalhadores*, particularly older ones, perceive suffering as the necessary first step toward personal and economic development. Without this suffering, they would lack the desire to

overcome poverty. In this context, suffering at work becomes a means to achieve comfort and emancipation, therefore “one seeks to shield oneself from scarcity through diligence and labor” (Souza, 2012, p. 212).

The praise of diligence and suffering, which implies every rationalizing, justifying and, of course, mystifying narrative of suffering itself as redemptive, is incorporated into the praxis of the workers, especially those who trace their origins back to rural origins in their own generation or that of their closest ancestors. (Souza, 2012, pg. 213. Translated by this article’s author.)

Thus, even though suffering is viewed as something to be overcome in pursuit of financial improvement, workers embedded in the neoliberal system – marked by constant insecurity, irregular contracts, and precarious employment – inevitably endure social suffering caused by persistent abuses of power in labor relations. As such, even when *batalhadores* frame suffering as a necessary step for long-term gain, they are still subjected to profound anguish stemming from deprivation and injustice because of this suffering.

The IMF crisis

In November 1997, South Korea faced an economic crisis due to intervention by the International Monetary Fund (IMF), which demanded the South Korean government to do structural adjustments to the country’s economy in exchange for the financial assistance it provided, caused by the lack of a foreign fund. Prior to the crisis, South Korea had experienced economic growth of nearly 10% per year, but this pace began to slow down, ultimately leading the government to seek IMF support (Ha & Lee, 2007, p. 196). In fulfilling the IMF’s requirements aimed at economic recovery, a considerable amount of South Korean industries underwent restructuring, which resulted in mass layoffs. The societal impact of the crisis was profound, triggering an economic depression and widespread national frustration, as citizens witnessed their government’s apparent impotence in managing the situation (Cho, 2008, p. 82).

Although South Korea ‘had been hailed as the first country to pay back the IMF loans it received in late 1997’ (Joo 2000: 319), the structural adjustments were selectively accomplished. Such selective reform was a compromise among different interests: conglomerates, which did not want to give up their privileges; the government, which hoped to keep its role in economic areas; and the IMF, which did not want to rouse public resistance through aggressive reform. Rather than ‘good governance’ or ‘neoliberal governance,’ strange hybrids of markets, crony relationships and arbitrary state power appeared (Robinson2004).⁶ These results implied that the goals of the structural adjustment might have been to guarantee market predictability, financial transparency and a flexible labor market so that foreign investors could use their money in safe and predictable ways, rather than to construct a truly market-based economy in South Korea (Cho, 2008, p. 84).

The reduction in workforce that accompanied the lead-up to the 1997 crisis stemmed from one of the IMF's key demands: labor market flexibilization to increase corporate profits. Consequently, large-scale layoffs of permanent workers occurred to reduce costs, giving rise to a surge in irregular employment (Cho, 2008, p. 83). Therefore, this intervention transformed both South Korean society and its labor market through structural reforms and macroeconomic stabilization programs. After the crisis, the proportion of regular workers declined, while the number of irregular workers rose (Cho, 2004, p. 318).

Since the financial crisis of the late 1997, most workers in Korea have experienced a rise in job instability. When compared to the period prior to the economic crisis, this rise in job instability has been most significant among employees with non-regular employment arrangements, women and older workers (Cho, 2004, p. 318).

The pressure caused by the crisis led to a national incentive for companies to cut costs by dismissing long-tenured workers, resulting in a significant increase in job instability for this group, therefore “job instability of long-tenured workers increased markedly during the economic crisis” (Cho, 2004, p. 320). As a result, the proportion of non-standard workers in South Korea rose from 43% in 1998 to 52% in 2002, particularly among women (Kim, Muntaner, Khang, Paek, Cho, 2006, p. 567). The crisis also played a major role in the decline of mental health and, consequently, the increase in suicide and depression rates in the country (Kim et al., 2006, p. 572).

Furthermore, in their article “Job Instability in the Korean Labor Market: Comparison Before and After the IMF Economic Crisis” (2001), Joonmo Cho and Jaeho Keum indicate that the crisis negatively impacted all social classes in South Korea. However, studies showed that the decline in job retention was especially severe for long-term employees – those with 9 to 15 years of experience or more – and job mobility was higher among workers with lower levels of education. Within this data analysis, the authors also emphasize that job instability was particularly acute for older workers, women, and those employed in the manufacturing and sales sectors (Cho & Keum, 2001, p. 28).

Prior to the 1997 financial crisis, income distribution was improving among the lower and middle classes, with economic growth especially benefiting the middle class. However, following the crisis and economic restructuring, income inequality began to increase significantly in South Korea (Kwon, 2015, p. 475).

The post-crisis labor market restructuring headed by massive downsizing transformed the key characteristics of labor markets and created new issues. Problems include growth without employment, the degraded quality of jobs, and a widening income gap. These problems have become the main sources of an increasing degree of social and labor market polarization, a rising issue in current Korean society (Kwon, 2015, p. 476).

It becomes evident, then, that the process of labor precarization is closely tied to the lack of legal protections for workers – a condition that persisted even after the crisis (Kwon, 2015, p. 480). Therefore, a large portion of the population that reentered the labor market post-crisis did so under vulnerable and unstable conditions. Although the crisis was resolved by the mid-2000s, its effects remain palpable: South Korea still has a high number of non-regular workers, and it has become increasingly difficult for these individuals to choose their employment terms and what kind of contract they will be under of (Kwon & Park, 2007, p. 36). As a result, many workers remain trapped in precarious jobs with low wages, seeing their opportunities for upward mobility in both income and employment significantly restricted. Additionally, they are denied equal access to education and training, reducing the number of qualified workers and increasing poverty within this segment (Kwon & Park, 2007, p. 36).

The current South Korean irregular labor market

In the aftermath of the 1997 economic crisis scenario, which led to a considerable increase in the number of non-regular workers in South Korea, it has become common for employers to exploit market flexibility policies and institutional insecurity (Cho, 2004, p. 315). The two main pillars supporting labor market flexibility in South Korea are: the deregulation of the Korean Dismissal Law and the liberalization of legal restrictions on hiring irregular workers. To understand how these laws have been circumvented, it is essential to acknowledge certain key factors shaping the labor market, them being: the reduction of entry barriers allowing greater mobility; easily accessible information for both workers and employers; improvements in education and training programs to support the unemployed with a reliable social safety net; and, lastly, institutional security – a factor often overlooked (Cho, 2004, p. 316).

When institutional insecurity prevails, it creates space for labor market flexibilization and, therefore, it enables employers to exploit these legal inconsistencies (lack of coherence and lack of transparency) for profit. In South Korea, this manifests in the manipulation of the Dismissal Law, whose main purpose was to prevent unjustified dismissals. Employers argue that greater freedom to make workforce adjustments reduces unemployment rates, supposedly benefiting workers (Cho, 2004, p. 317). One of the most problematic ways to circumvent this law occurs in the absence of a substantive relationship between temporary help agencies and

their workers. In this dynamic, a company hires the services of a temporary agency, which provides the labor, but it is the client company that gives orders and holds the power to fire the employee (Cho, 2004, p. 341).

The same dynamic applies to the liberalization of restrictions on hiring irregular workers. South Korea's institutional insecurity provides legal loopholes that allow employers to exploit and evade their legal responsibilities. This stems from the absence of a clear legal definition of what constitutes an irregular worker (Cho, 2004, p. 317), which makes it harder to define and require specific labor rights to these workers. Although the Korean Labor Law – specifically the *Act on Protection for Temporary Help Employees* – states that temporary staffing agencies must provide proper education and training opportunities and improve working and employment conditions for their employees, it fails to define what qualifies as “proper.” This vagueness enables agencies to avoid fulfilling their obligations (Cho, 2004, p. 341).

As a result, over the past decades, the South Korean labor market has introduced a large volume of precarious jobs, making the country one of the members of the Organization for Economic Cooperation and Development (OECD) with the highest levels of labor inequality (Kwon, 2015, p. 466). With the rise of non-standard employment, job quality has deteriorated, and approximately 75% of workers who entered the labor market after the crisis did so through temporary jobs.

The suffering of South Korean non-standard workers

Due to ongoing uncertainty in the labor market and the pressure that results from it, non-standard workers across various countries tend to suffer from a range of physical and mental health problems. While the experience of each worker may vary depending on the level of government support available in each country, South Korea is considered to be “less well established in terms of the national pension, employment medical insurance, and unemployment insurance” (Kim, 2003 in Kim et al., 2008, p. 749).

Furthermore, the health effects of nonstandard work are conflicting due to rapidly changing labor markets and the diversification of nonstandard work characteristics that vary across countries. Most studies on this issue have supported the notion that nonstandard work is associated with higher rates of musculoskeletal disorders, greater psychological distress, and mortality (Kivimaki et al., 2003; Virtanen et al., 2005 in Kim et al., 2008, p. 749)

Studies show that compared to regularly employed workers, non-standard employees tend to have worse health outcomes – whether due to poor habits (such as lack of physical exercise, frequent smoking, and alcohol consumption), physical strain (resulting from bodily discomfort or improper posture at work), or psychological pressure and dissatisfaction stemming from job insecurity, dangerous and precarious environments, and lack of benefits (Kim et al., 2008, p. 755). Another factor contributing to poor mental health is the difficulty these workers face in transitioning from irregular to regular employment (Han & Chang, 2000 in Kim et al., 2006, p. 567). Other common mental health stressors include low job control, limited promotion opportunities, and low wages (Kim et al., 2006, p. 570). As a result, job satisfaction is expected to be typically lower for this group – especially for those who have transitioned from regular to irregular work.

There are two types of job satisfaction: internal satisfaction, which arises from the motivation behind choosing a job, and external satisfaction, which relates to the employment contract itself (Park & Kang, 2016, p. 14). Generally, non-standard workers as a group report lower satisfaction compared to regular workers. However, within the non-standard group, those who have entered this labor arrangement voluntarily (with internal motivation) – that means, they opted to be inserted in this type of job – tend to report higher satisfaction levels, whereas those who were demoted from regular employment to non-regular positions tend to be less satisfied.

While men are more often associated with musculoskeletal disorders and liver diseases (especially because of alcohol drinking habits), mental health issues are more commonly reported among women (Kim et al., 2008, p. 752). Moreover, higher levels of education among non-standard workers correlate with increased rates of mental health issues, including suicidal ideation – indicating that more educated individuals are more likely to suffer psychologically, especially because of the hope and expectation that this higher education level created. In the case of women, the pressure comes not only from the labor market but also from their role in domestic and caregiving responsibilities, which heightens dissatisfaction with working in precarious, low-wage environments (Kim et al., 2006, p. 572).

Relation between Brazilian *batalhadores* and South Korean non-standard workers

Analyzing the points outlined above, one can see both differences and similarities between Brazilian workers and South Korean nonstandard workers. Initially,

there's a clear similarity between the informal work category and instability. In a context of supporting themselves and providing comfort for their families, these workers face pressure to find work, resulting in unstable work conditions and precarious work environments. Another strong commonality among these workers is job dissatisfaction. While some, especially those in this position by choice, may be satisfied with this type of irregular employment contract, those who have achieved a higher level of education and hoped for a better job tend to experience dissatisfaction due to a lack of expectations.

The third point that allows us to perceive the similarity between the two and, at the same time, a notable difference is the context in which these workers entered this type of market. Both sought this type of work in times of crisis and desperate necessity – in the case of the Koreans, mainly during the IMF crisis, and in the case of the Brazilians, at specific moments when the family was in need, which caused them to go after politics and social support from few instruments presented by the government (free education, financial support, etc.) and also luck and sacrifice that allowed them to help their families having some comfort.. Another similarity found in some segments of both classes is the lack of need for technical knowledge on the part of the workers, working only in sectors that require greater physical strength or knowledge acquired throughout life, but not through formal education. Finally, the last similarity found during this research was the precarious mental health caused by the social suffering experienced by these workers, whether due to the pressure to find a job and earn money, the shame of working in irregular and precarious work, or the abusive or unsafe work environment itself.

Regarding the differences, there seems to be a lack of specific research on the types of humiliation suffered by South Korean workers and how this affects each individual's self-esteem. Despite providing general points, there is little specific literature that includes cases, such as those struggling with classicism, the lack of a sense of belonging with people in the church, among others. Furthermore, a clear divergence in this current research concerns the phenomenon of nonstandard workers starting their own businesses. While there are several reports of Brazilian workers who, amid instability and a context of insecurity and lack of specialization, started their own businesses – market vendors, seamstresses, restaurants, etc. – during the period of this research, no reports of South Korean nonstandard workers doing the same were found in the bibliographies.

The final difference identified concerns the family backgrounds of these two groups. The Brazilian *batalhadores* typically come from families situated within the *ralé*, with slightly greater structure, but they are still lacking the cultural capital held by middle-class families. In

many cases, formal education played little or no role in their upbringing. In contrast, many South Korean non-standard workers had relatively high levels of education and expected to build futures in which their technical knowledge and qualifications would be applied. However, due to urgent economic needs, they found themselves drawn into informal labor markets.

CONCLUSION

By analyzing the new dynamics of the labor market brought about by neoliberal capitalism, it becomes evident that the creation of new social class categories is a coherent response to these transformations. Although the manifestations of these changes vary across national contexts, the phenomenon itself is global, allowing for comparative analyses that identify both similarities and differences among precarious workers based on their labor conditions. Brazilian *batalhadores* and South Korean non-standard workers converge primarily in the nature of the work they perform: unstable, insecure, and often marked by suffering.

The key common element highlighted in this research is job insecurity – both in terms of the physical risks of the workplace and the uncertainty surrounding employment continuity. Even among *batalhadores* who own small businesses, earnings remain volatile, making it impossible to predict long-term sustainability, as the sales can slow down at any moment. In the South Korean case, two-year contracts and the lack of employment regularization – which would otherwise guarantee rights in the event of dismissal – are the main sources of instability. Additional similarities include the absence of technical training requirements for many of these jobs, poor quality of life, physical and mental health problems, and the social suffering they experience. This suffering is closely linked to their desire for inclusion and recognition as active, dignified members of society, rather than being judged solely by the nature of their work.

As for the differences, it can be noted that *batalhadores* have received more focused academic attention – especially because the main work regarding it (Jessé Souza's book) brings up all the related subjects and specific cases with interviews – on specific forms of suffering, humiliation, and the familial contexts in which they are embedded – often originating from the *ralé*, with limited cultural capital and access to formal education. In contrast, South Korean non-standard workers are typically placed in precarious labor

conditions not necessarily due to generational poverty, but primarily as a result of the economic crisis, despite having higher levels of education and professional expectations.

BIBLIOGRAPHIC REFERENCES

ADORNO, Theodor. "Sobre a lógica das ciências sociais". In: Cohn (Org.), Theodor W. Adorno, Trad. de Amélia Cohn. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1986.

BAE, Sang Hoon; SONG, Ji Hoon. Youth unemployment and the role of career and technical education: A Study of the Korean labor market. *Career and technical education research*, v. 31, n. 1, p. 3-21, 2006.

BOUYER, Gilbert Cardoso. Sofrimento social e do trabalho no contexto da área" saúde mental e trabalho". *Psicologia & Sociedade*, v. 27, p. 106-119, 2015.

CHO, Joonmo. Flexibility, instability and institutional insecurity in Korean labor market. *Journal of Policy Modeling*, v. 26, n. 3, p. 315-351, 2004.

GOLDSCHMIDT, V. Tempo histórico e tempo lógico na interpretação de sistemas filosóficos. In: *A religião de Platão*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1963.

GUÉROULT, M. Lógica, arquitetônica e estruturas constitutivas dos sistemas filosóficos. In: *Tras/form/Ação*. São Paulo, 30 (1): 235-246, 2007

HA, Seong-Kyu; LEE, Seong-Woo. IMF and the crisis of the marginalized urban sector in Korea. *Journal of Contemporary Asia*, v. 31, n. 2, p. 196-213, 2001.

JAARSVELD, Danielle D. Van; KWON, Hyunji; FROST, Ann C. "The Effects of Institutional and Organizational Characteristics on Work Force Flexibility: Evidence from Call Centers in Three Liberal Market Economies." *ILR Review* 62, no. 4, p. 573–601, 2009

KEUM, Jaeho; CHO, Joonmo. Job instability in the Korean labor market: comparison before and after the IMF economic crisis. *Journal of Labour Economics*, v. 24, n. 1, p. 35-66, 2001.

KIM, Il-Ho; KHANG, Young-ho; MUNTANER, Carles; CHUN, Sheeran; CHO, Sung-Il. Gender, precarious work, and chronic diseases in South Korea. *American journal of industrial medicine*, v. 51, n. 10, p. 748-757, 2008.

KIM, Il-Ho; KHANG, Young-ho; MUNTANER, Carles; PAEK, Domyung; CHO, Sung-Il. The relationship between nonstandard working and mental health in a representative sample of the South Korean population. *Social science & medicine*, v. 63, n. 3, p. 566-574, 2006.

KWON, Hyunji. *Industrial and Labor Relations Review* 59, no. 2, p. 331–34, 2006

_____. “Changing Industrial Relations and Labor Market Inequality in Post-Crisis Korea.” *Development and Society* 44, no. 3, p. 465–94, 2015.

_____; PARK Euikyung. 비정규직보호법 시행 이후 기간제 활용을 둘러싼 노사의 선택. *Korea Labor Institute* 34, p. 34-54, 2007

_____. 장시간 노동체제:은행산업의 실태를 중심으로. *Korea Labor Institute* 84, p. 73-91, 201

LEE, Bokim. Job and life satisfaction of nonstandard workers in South Korea. *Workplace Health & Safety*, v. 61, n. 8, p. 355-363, 2013.

MENDES, Jussara Maria Rosa; WERLANG, Rosangela. Sofrimento social e a Saúde do Trabalhador. *Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, v. 11, n. 32, 2013.

PAIK, Rocio. ‘Nos tratam como peças’, diz grevista da Samsung na Coreia do Sul. *Opera Mundi*, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/nos-tratam-como-pecas-de-maquina-diz-grevista-da-samsung-na-coreia-do-sul/>. Acesso em: 30 nov. 2024.

PARK, Mihee; KANG, Joonmo. Job satisfaction of non-standard workers in Korea: focusing on non-standard workers’ internal and external heterogeneity. *Work, employment and society*, v. 31, n. 4, p. 605-623, 2017.

SAMSUNG workers begin ‘indefinite’ strike for higher pay. *Money. Daily Sabah (Turkey)*. p. 4. 11 julho 2024. Disponível em: <https://www.pressreader.com/4a25/20240710/281603835686603>. Acesso em: 30 nov. 2024.

SILVA, Hélio Alexandre. Sofrimento social como dimensão da pobreza. *DoisPontos*, v. 19, n. 1, 2022.

SOUZA, Jessé. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

_____; GRILLO, André. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. Brasil, Editora UFMG, 2010.

UNGER, Roberto Mangabeira. *Os batalhadores e a transformação do Brasil*. Prefácio. In: SOUZA, Jessé. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.